

Associação convoca médicos de Tancredo a depor

SÃO PAULO — A Associação Médica Brasileira (AMB) começará, na próxima semana, a tomar os depoimentos dos médicos que assistiram o Presidente Tancredo Neves — inclusive dos que o examinaram no período que antecedeu a sua internação hospitalar em Brasília —, com o objetivo de registrar todos os fatos relativos à evolução da doença que levou o Presidente à morte.

Segundo o Presidente da AMB, Nelson Guimarães Proença, a decisão foi tomada após reunião da diretoria da entidade, anteontem. A medida foi adotada em função de três fatores: o distanciamento entre o real estado de saúde de Tancredo Neves e as informações divulgadas durante sua permanência no Hospital de Base, em Brasília; as especulações veiculadas pela imprensa sobre os diagnósticos; e a suspeição levantada sobre os procedimentos adotados tanto pelos médicos de Brasília como pela equipe que o tratou em São Paulo.

Ao final dos depoimentos, será elaborado um relatório que, de acordo com Proença, estará pronto para ser divulgado dentro de duas semanas. Os primeiros depoimentos serão dos médicos que assistiram Tancredo Neves em Minas Gerais — o clínico geral Diomedes Garcia Lima e um outro médico cuja identidade Proença não quis revelar. Segundo ele, Tancredo Neves foi examinado por este médico em janeiro e aconselhado a adiar a viagem que fez ao exterior, em função da gravidade de seu estado de saúde. O médico pediu ainda que o Presidente se submetesse a exames minuciosos, mas não foi atendido.

No dia 8 de maio, Proença ouvirá em Brasília o cirurgião Francisco Pinheiro da Rocha — responsável

pela primeira cirurgia de Tancredo Neves — e o clínico Renault Mattos Ribeiro. Em São Paulo já estão convocados o cirurgião Henrique Walter Pinotti, o imunologista Vicente Amato Neto, e o anestesista Ruy Gomide do Amaral. De acordo com o Presidente da AMB, o relatório poderá ser enriquecido ainda por depoimentos de outros médicos da equipe que estiverem dispostos a colaborar.

O Presidente da AMB garantiu, através de um documento, que as condutas adotadas pelos médicos paulistas foram “absolutamente corretas”. Segundo Proença, a AMB acompanhou — com o consentimento dos órgãos de informação e da família de Tancredo Neves — cada passo do tratamento, desde que o Presidente chegou ao Instituto do Coração.

Na sua opinião, as críticas feitas ao “Relatório Pinotti” — divulgado pelo chefe da equipe três dias antes da morte de Tancredo Neves e considerado excessivamente otimista — são improcedentes. Segundo ele, era obrigação do médico “transmitir que suas esperanças não haviam terminado, apesar de recear o pior. Do contrário estaria lavando as mãos e deixando o Presidente entregue ao seu próprio destino”.

Proença propôs ainda a reformulação do código de ética médico, de modo a abranger questões consideradas atualmente como “excepcionais”, que são justamente os casos de hospitalização de Chefes de Estado. Ele citou como exemplo a ser seguido a veracidade e quantidade de informações constantes dos boletins médicos divulgados quando o Presidente Ronald Reagan e o Papa João Paulo II foram vítimas de atentados.



Ao deixar o cemitério, D. Risoleta não pode evitar a aproximação de sanjoanenses e turistas vindos para a missa de hoje.